

**O objeto transicional de Winnicott
na formação do conceito de objeto *a* em Lacan
Winnicott's transitional object
in the formation of the Lacanian concept of object *a***

Angela Vorcaro

Psicanalista, doutora em psicologia clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e membro da Association Lacanienne Internationale.

E-mail: angelavorcaro@uol.com.br

Ariana Lucero

Psicóloga, psicanalista, mestre e doutora em psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pós-doutoranda do programa de psicologia institucional da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

E-mail: luceroariana@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo se propõe a estabelecer possíveis aproximações entre o conceito de objeto *a* lacaniano e o conceito de objeto transicional winnicottiano. Inicialmente, as referências lacanianas à obra de Winnicott aparecem sob a forma de crítica, como no *Seminário 4* (1956-1957/1995), em que está em jogo a discussão sobre as relações de objeto. Porém, alguns anos depois, no *Seminário 15* (1967-1968), a vinculação do objeto *a* ao objeto transicional é explicitamente declarada por Lacan, acompanhada de um forte reconhecimento do trabalho do psicanalista inglês. Ao percorrermos esse trajeto, deverá ficar clara a importância dos objetos para a constituição subjetiva do ponto de vista de uma teoria psicanalítica.

Palavras-chave: objeto transicional; objeto *a*; relação de objeto; Winnicott; Lacan.

Abstract: This article aims to indicate possible approximations between the Lacanian concept of object *a* and the Winnicottian concept of transitional object. Initially, the Lacanian references to Winnicott's work are mostly critics, e.g. in the *Seminar 4* (1956-1957/1995), which debates the issue of object relation. Nevertheless, a few years later, in the *Seminar 15* (1967-1968), an association between the object *a* and the transitional object is explicitly stated by Lacan, accompanied by a strong recognition of the English psychoanalyst's work. Through this

demarche, it should be clear the importance of the objects to the subjective constitution from the point of view of a psychoanalytical theory.

Keywords: transitional object; object *a*; object relation; Winnicott; Lacan.

Este artigo se propõe a mostrar possíveis aproximações entre o conceito de objeto *a* lacaniano e o conceito de objeto transicional winnicottiano. Lacan foi o tradutor para o francês do artigo “Objetos transicionais e fenômenos transicionais” (1971a/1975)¹ e há várias passagens de seus textos em que há uma clara referência à obra de Winnicott. Inicialmente, tais fragmentos aparecem sob a forma de crítica, como no *Seminário 4* (1956-1957/1995), em que está em jogo a discussão sobre as relações de objeto. Porém, alguns anos depois, no *Seminário 15* (1967-1968), a vinculação do objeto *a* ao objeto transicional é explicitamente declarada por Lacan, sob o pano de fundo de um forte reconhecimento pelo trabalho do psicanalista inglês².

Em seu *Seminário 4: a relação de objeto*, Lacan justifica sua escolha por esse tema a partir da constatação de que “a evolução histórica da psicanálise, ou o que se chama assim” deu a esse tema uma “posição central quanto à teoria e à prática” psicanalíticas. Ele afirma que não se dedicou a essa temática quando ela era corrente, preponderante e crítica, pois “este tema, com efeito, só poderia ser tratado depois de se tomar uma certa distância da questão” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 9).

Como lembra Jacques-Alain Miller, “o *Seminário IV* está animado por uma luta teórica e ideológica sobre a questão do objeto em psicanálise” (Miller, 1995, p. 87). O ponto de partida dessa discussão é a publicação – por antigos colegas de Lacan, membros franceses da IPA – da obra coletiva *La psychanalyse d’aujourd’hui*³, livro ao qual o psicanalista irá se referir

[...] unicamente pela simplicidade ingênua com que nele se apresenta a tendência a degradar, na psicanálise, a direção da análise e os princípios de seu poder. Obra de difusão para o exterior, sem dúvida, mas também, no interior, de obstrução. Assim, não citaremos seus autores, que não intervêm

¹ Esse dado foi extraído de uma correspondência em que Winnicott agradece a Lacan pela tradução e publicação de seu artigo (Winnicott, 1990, pp. 112-113).

² Cf. “Resumo do Seminário redigido por Lacan para o anuário da École pratique des Hautes Études”. In J. Lacan (1967-1968), *O Seminário, livro 15: o ato psicanalítico*. Inédito.

³ O livro organizado por Sacha Nacht foi publicado pela PUF (Paris) em 1956. Ele conta com um prefácio escrito por Ernest Jones e artigos dos seguintes autores: Sacha Nacht, Maurice Bouvet, Serge Lebovici, Pierre Mâle, J. A. Favreau, F. Pasche, Jean Mallet e René-Raphaël Held.

aqui por nenhuma contribuição propriamente científica. (Lacan, 1958/1998, p. 649)

Lacan relata que nesses escritos vê-se, “do começo ao fim, a relação de objeto valorizada e promovida de uma maneira que, sem dúvida, nem sempre é muito satisfatória no sentido do articulado, mas cuja monotonia, uniformidade, é decerto surpreendente” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 11). Ele se diz espantado com o fato de alguns psicanalistas centrarem sua experiência clínica inteiramente em torno da relação de objeto, sem que haja uma teoria consistente por trás dessa prática, e destaca, como citado, a monotonia e uniformidade dos esquemas pré-concebidos de desenvolvimento do sujeito e da libido usados na explicação de quase todos os casos clínicos.

Cabe recordar que a expressão *relação de objeto* (*Objektbeziehung*; *object-relation*) foi empregada pelos sucessores de Freud para designar as modalidades fantasísticas da interação entre o sujeito e o mundo externo (cf. Roudinesco & Plon, 1998, p. 552). No *Dicionário da Psicanálise*, de Roudinesco e Plon (1998), consta que a Escola das Relações de Objeto (Object-Relations School) tem suas origens nos trabalhos de Melanie Klein e Anna Freud. Pouco a pouco, ela ultrapassa essas tendências teóricas iniciais, ganhando novos representantes: Michael Balint, Wilfred Bion, Ronald Fairbairn, Donald Woods Winnicott, dentre outros. A relação de objeto se estende, ademais, ao estudo de todas as formas de ambiente (familiar, social etc.) e funda novas escolas (Ego Psychology, Self Psychology etc.). Ainda de acordo com Roudinesco e Plon (1998, pp. 553-554), as veementes críticas de Lacan se dirigiam aos clínicos da escola francesa, em especial a Maurice Bouvet, e poupavam os autores ingleses, a quem admirava e em quem se inspirava. Nesse contexto, Lacan elabora uma concepção própria da relação de objeto, “a meio caminho entre o freudismo clássico, o kleinismo e as teses de Winnicott” (Roudinesco & Plon, 1998, p. 554). Ademais, não podemos esquecer de Karl Abraham, uma vez que o próprio Lacan o inclui no seguinte comentário:

Essa teoria [da relação de objeto], não importa a que ponto de aviltamento tenha chegado nestes últimos tempos na França, tem, como o geneticismo, sua origem nobre. Foi Abraham quem inaugurou seu registro, e a noção de objeto parcial foi uma contribuição original sua. (Lacan, 1958/1998, p. 611)

Antes de entrarmos na teoria winnicottiana, foco deste trabalho, é preciso uma pequena incursão pelo pensamento de Melanie Klein, que tanto influenciou o psicanalista inglês no âmbito das relações objetais. Melanie Klein foi discípula de Karl Abraham, colocando o “objeto parcial no centro da reconstrução que ela apresenta do universo fantasístico da criança” (Laplanche & Pontalis, 2004, p. 326). Segundo a psicanalista, “todos os aspectos da vida mental estão intimamente ligados a relações de objeto” (Klein, 1955/1991, p. 167). Estas teriam início com a primeira experiência de alimentação, de tal forma que, no psiquismo do bebê, a mãe aparece primariamente como um objeto parcial, um seio bom e um seio mau cindidos, uma vez que sua relação com ela implica a internalização de um seio devorado – e, portanto, devorador – e de um seio que satisfaz. Essa situação decorre da ação dos mecanismos de introjeção e projeção, que operariam lado a lado desde o início da vida, fazendo com que situações externas e internas sejam sempre interdependentes:

Tenho expressado com frequência minha concepção de que as relações de objeto existem desde o início da vida, sendo o primeiro objeto o seio da mãe, o qual, para a criança, fica cindido em um seio bom (gratificador) e um seio mau (frustrador); essa cisão resulta numa separação entre o amor e o ódio. Sugeri ainda que a relação com o primeiro objeto implica sua introjeção e projeção e, por isso, desde o início as relações de objeto são moldadas por uma interação entre introjeção e projeção, e entre objetos e situações internas e externas. (Klein, 1946/1991, p. 21)

Donald W. Winnicott (1965b/1983, p. 164), por sua vez, considera as relações com os objetos um fenômeno complexo, que depende de um processo de amadurecimento. Este decorre da qualidade do ambiente no qual se encontra o bebê, de modo que um ambiente favorável caracteriza-se pela presença de um adulto maduro e fisicamente capaz, que tenha tolerância e compreensão com a criança. Se seguirmos a tese de Melanie Klein⁴ de que o bebê tem ímpetus pulsionais e ideias predatórias relativas ao seio da mãe, ainda assim Winnicott defende que a possibilidade de ser

⁴ Para Melanie Klein (1946/1991), o simples ato de sugar o seio já envolve um sadismo e um dano ao objeto que será introjetado, fazendo deste objeto um perseguidor interno e temido. Soma-se a isso o fato de ela supor um impulso destrutivo inato – a pulsão de morte – que é projetado como agressão e, por conseguinte, retorna como agressividade.

atacada por um bebê faminto pode ser agradável à mãe, de modo que ela se adapta à fantasia do bebê, oferecendo o seio sempre que este é demandado: “Neste momento, o mamilo real aparece e ele [bebê] é capaz de sentir que se trata do mamilo que ele alucinou” (Winnicott, 1958a/1978, p. 279). Para o psicanalista inglês, a mãe deve proporcionar a vivência de satisfação à criança de maneira uniforme. A princípio, o bebê deve acreditar que é ele quem controla o ritmo dessa experiência: “neste estágio inicial, o ambiente favorável está dando ao lactente a experiência da onipotência; com isso quero dizer mais do que controle mágico, e quero incluir no termo o aspecto criativo da experiência” (Winnicott, 1965b/1983, p. 164). A “criatividade primária”, proposta por Winnicott, parte da constatação de que “o lactente cria o que de fato está ao seu redor esperando para ser encontrado. E também aí o objeto é criado, e não encontrado [...] Um objeto bom não é bom para o lactente a menos que seja criado por este” (Winnicott, 1965b/1983, p. 165).

De acordo com a teoria winnicottiana, portanto, no começo do desenvolvimento o bebê é capaz de conceber a ideia de que existiria algo que atenderia à crescente necessidade que se origina no interior do aparelho psíquico. A mãe suficientemente boa dá o seio, e sua adaptação às necessidades do bebê permite a ilusão de que existe uma realidade externa correspondente à sua própria capacidade de criar: “A mãe coloca o seio real exatamente onde o bebê está pronto para criá-lo, e no momento exato” (Winnicott, 1971a/1975, p. 26). Ocorre uma sobreposição entre o que a mãe supre e o que a criança poderia conceber. O bebê percebe o seio apenas na medida em que um seio poderia ser criado ali e naquele momento. Na medida em que esta experiência se repete, as ideias do bebê são enriquecidas por detalhes reais da visão e do odor, de forma que esses elementos serão acrescidos à próxima alucinação. De maneira gradual, o bebê começa a construir uma capacidade de evocar o que está realmente disponível. Conforme Winnicott, “a fantasia é mais primária que a realidade e o enriquecimento da fantasia com as riquezas do mundo depende da experiência da ilusão” (Winnicott, 1958a/1978, p. 280). Importa enfatizar que o ambiente facilitador deve propiciar ao bebê a capacidade de criar e recriar o objeto, segundo o princípio de prazer, até que ele esteja pronto para aceitar o princípio de realidade (cf. Winnicott, 1965b/1983, p. 164).

É possível identificar na tese de Winnicott semelhanças com as ideias desenvolvidas por Freud (1895/1995) em seu *Projeto de uma psicologia*, tal como a

possibilidade de uma alucinação primordial. A respeito dessa alucinação em Freud, vejamos a explicação de Moustapha Safouan:

[...] a pressão das necessidades conduz não a pensar a coisa (seja ela o seio ou o *Nebenmensch*) que restabelecia o repouso, ou a desejá-la, mas sim a *crer percebê-la*, dito de outro modo, a *aluciná-la*. Lidamos, então, não apenas com um organismo pouco preparado para a vida, como o admitiria qualquer biólogo e qualquer observador da primeira infância, mas ainda, e sobretudo, com um psiquismo positivamente dotado de um princípio contrário às exigências da vida como tal, porquanto esta requer uma adesão mínima aos sinais ou, se quisermos, aos logros do *Umwelt*. No momento o qual supomos que o aparelho psíquico não se contenta em pensar o que quer, mas “realiza” seu pensamento antes de reconhecê-lo no real, colocamos, ao mesmo tempo, que esse aparelho existe em uma adesão principal às suas próprias ficções ou aos seus próprios logros; um aparelho, em suma, que não tem necessidade de se opor para se pôr, *um aparelho que não espera, que não espera nem mesmo que a realidade o decepcione antes de substituí-la alucinatoriamente por uma outra realidade*. (Safouan, 1988, p. 28, grifos nossos)

Vale ressaltar que a observação precedente não passou despercebida por Freud, que, em uma nota de rodapé presente em seu texto “Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico”, faz o seguinte comentário: “Com razão objeta-se que tal organização, que se entrega ao princípio do prazer e que despreza a realidade externa, não seria capaz de se manter viva nem sequer pelo tempo mínimo necessário para se constituir” (Freud, 1911/2004, p. 73). Mesmo assim, o psicanalista mantém sua suposição de um primado do princípio de prazer, retomando o exemplo do lactente. Ele reafirma que o bebê alucina sua satisfação, mas quando não obtém prazer e, ao contrário, há apenas um aumento de quantidade de estímulos internos e o decorrente desprazer, o lactente busca remover o excesso de tensão pela via motora – gritando e se debatendo –, sendo que, ao fazer isso, vivencia por meio dessa eliminação de estímulos a satisfação antes alucinada. A tese de que uma satisfação a partir de uma sensação corporal é alcançada, ainda que o objeto – no caso, o seio – não tenha sido contemplado, faz jus à observação de Patrícia Porchat sobre o objeto em jogo na experiência de satisfação no *Projeto*:

Na medida em que não há uma correspondência absoluta entre o objeto percebido e o objeto de desejo, o que garante o término da busca pelo objeto que proporciona satisfação é a interrupção do processo de somação (da fome, no exemplo de Freud), a representação de uma *sensação corporal*. [...] Freud considera como último elemento do circuito desiderativo a representação de uma *sensação corporal (de prazer)* que indica a interrupção do processo de somação. (Porchat, 2005, p. 136, grifos nossos)

Como, então, conceber a relação do ser humano com a realidade?⁵ Como o princípio de prazer cede espaço ao princípio de realidade? Freud continuou a buscar uma resposta para essas questões, inclusive em sua segunda tópica. Sabemos, contudo, que ele apenas constatou o fracasso do princípio de realidade em se sobrepor completamente ao princípio de prazer, ambos existindo lado a lado.

Atento à problemática do princípio de prazer e do princípio de realidade em Freud, Lacan sublinha que, em Winnicott, “o princípio de prazer identifica-se com uma certa relação de objeto, isto é, a relação com o seio materno, enquanto o princípio de realidade foi identificado por nós ao fato de que a criança deve aprender a dele se abster” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 33). Ele lamenta que “a oposição dialética e impessoal dos dois princípios” tenha sido substituída por atores e que a mãe seja a personagem decisiva na apreensão da realidade pela criança (Lacan, 1956-1957/1995, p. 33). Na interpretação lacaniana, o fato de termos dois princípios de funcionamento psíquico em Freud – o de prazer e o de realidade – indica que o desenvolvimento infantil não se dá unicamente em torno da relação do sujeito ao objeto: “Se cada um desses dois termos encontra seu lugar em pontos diferentes da dialética freudiana, é pela simples razão de que em nenhum caso a relação sujeito-objeto é central” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 15). O psicanalista transpõe o problema da relação de objeto para a questão acerca da oposição entre o princípio de prazer e o princípio de realidade. Afinal, o que caracterizaria o princípio de prazer? Ele existiria apenas para ser “controlado” pela realidade? A psicanálise estaria enveredando para uma primazia do princípio de realidade sobre o princípio de prazer e, por conseguinte, para uma possível dominação das pulsões?

⁵ Questão colocada por Freud (1911/2004, p. 65) no início do texto sobre os dois princípios do funcionamento psíquico.

Essa é a perspectiva que se delinea quando se aborda a relação de objeto segundo as “gratificações ou satisfações primordiais, bem como nas frustrações que se produzem nos primórdios da vida do sujeito, isto é, nas relações do sujeito com sua mãe” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 223). Miller explica que a ideia clássica que estava sendo desenvolvida pela teoria analítica pós-freudiana consistia em conceber a frustração no nível da demanda e de sua satisfação. Assim, o sujeito “pede porque tem fome, pede o objeto que o alimenta, porque tem sede, pede líquidos, pede objetos da necessidade” (Miller, 1995, p. 53). O fato de a demanda não poder ser plenamente satisfeita causaria as frustrações, de fundamental importância para o desenvolvimento do sujeito. Nas palavras de Lacan: “a psicanálise ingressou cada vez mais numa dialética da necessidade e de sua satisfação, à medida que se interessou mais e mais pelos estágios primitivos do desenvolvimento do sujeito” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 223). Desse modo, um dos grandes problemas identificados nessa concepção de relação de objeto seria o de tratar a relação mãe-criança a partir daquilo que se desenrola na realidade cotidiana: “toda a ambiguidade da questão levantada em torno do objeto se resume na seguinte: o objeto é ou não o real?” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 29). Vejamos em que medida Winnicott se enquadra nesse cenário criticado por Lacan:

Não há possibilidade alguma de um bebê progredir do princípio de prazer para o princípio de realidade [...] a menos que exista uma mãe suficientemente boa. A “mãe” suficientemente boa (não necessariamente a própria mãe do bebê) é aquela que efetua uma adaptação ativa às necessidades do bebê, uma adaptação que diminui gradativamente, segundo a crescente capacidade deste em lidar com o fracasso da adaptação e em tolerar os resultados da frustração. (Winnicott, 1971a/1975, p. 25)

Ora, mesmo que Winnicott destaque que qualquer pessoa pode exercer o papel da mãe, “naturalmente, a própria mãe do bebê tem mais possibilidade de ser suficientemente boa do que alguma outra pessoa” (Winnicott, 1971a/1975, p. 25). Talvez seja esse tipo de afirmação que tenha levado Lacan a denunciar uma personalização do princípio de realidade em Winnicott, o que, sabemos, mereceria uma investigação pormenorizada.

No que se refere à temática em jogo neste artigo, Lacan observa que *tudo corre bem* (expressão de Winnicott) se a mãe está sempre presente no momento necessário,

“isto é, precisamente vindo colocar, no momento da alucinação delirante da criança, o objeto real que a satisfaz” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 34). Nessa relação, torna-se impossível distinguir entre a alucinação do seio materno e o encontro com o objeto real. Além disso, o psicanalista francês demarca o paradoxo presente na hipótese de que a realidade deve ser satisfatória, ao mesmo tempo em que “quanto mais satisfatória é a realidade, menos ela constitui uma experiência de realidade” (Lacan, 1956-1957/1995, pp. 225-226). Contudo, é o próprio Winnicott quem percebe que não é na ausência de satisfação, entendida por Lacan como a frustração de uma necessidade, do gozo, que deve-se articular a realidade:

[...] não podemos fundar a mínima gênese da realidade no fato de que a criança tenha ou não o seio. Se ela não tiver o seio, tem fome e continua a chorar. Em outras palavras, o que é produzido pela frustração do gozo? Ela produz, no máximo, o relançamento do desejo, mas nenhuma espécie de constituição de objeto, qualquer que seja este. É mesmo por essa razão que o sr. Winnicott é levado a nos fazer observar qual é a coisa verdadeiramente apreensível no comportamento da criança. (Lacan, 1956-1957/1995, p. 127)

O que se torna verdadeiramente apreensível na observação da relação mãe-bebê é que é a falta da mãe que pode fornecer um signo de realidade. Lacan (1956-1957/1995) enxerga na afirmação winnicottiana de que a tarefa final da mãe consistiria em desiludir gradativamente o bebê, após ter propiciado oportunidades suficientes para a ilusão, uma frustração de amor (e não de gozo). É por um ato deliberado, influenciado por regras sociais, de não oferecer mais o seio que a mãe decepciona o bebê, e não porque ele não pode se satisfazer com os demais objetos, como aqueles de sua “criatividade primária”, por exemplo. Esse é um ponto importante da argumentação de Winnicott, pois implica que, em determinado momento, a mãe não pode mais se adaptar completamente à necessidade do bebê:

[...] *se tudo corre bem*, o bebê pode ser perturbado por uma adaptação estrita à necessidade que é continuada durante muito tempo, sem que lhe seja permitida sua diminuição natural, de uma vez que a adaptação exata se assemelha à magia, e o objeto que se comporta perfeitamente não se torna melhor do que uma alucinação. Não obstante, *de saída*, a adaptação precisa ser quase exata e, a menos que assim seja, não é possível ao bebê começar a

desenvolver a capacidade de experimentar uma relação com a realidade externa ou mesmo formar uma concepção dessa realidade. (Winnicott, 1971a/1975, pp. 25-26, grifos do autor)

Winnicott ressalta que são as frustrações, mais do que as satisfações, que permitem a passagem de um objeto que era totalmente “subjetivo” para um objeto “percebido objetivamente” (Winnicott, 1965b/1983, p. 165). Por um lado, a satisfação completa pode ter como resultado a aniquilação do objeto, posto que, nesse caso, ele não precisa ser desejado, nem criado, para satisfazer uma necessidade (cf. Winnicott, 1958a/1978, p. 281). Por outro lado, a frustração, desde que se dê no momento adequado e por um período de tempo suportável para a criança, abre espaço para a imaginação. A esse respeito, Lacan diz que a noção de objeto transicional, introduzida por Winnicott, “se nutre da mais precisa reformulação da função dos cuidados maternos na gênese do objeto” (Lacan, 1958/1998, p. 618). E aqui se iniciam as aproximações entre esses dois autores, fruto de um maior entendimento da teoria winnicottiana por Lacan, quando as questões políticas foram postas de lado.

Para o psicanalista inglês, no processo de amadurecimento, o ser humano se depara com o problema da relação entre aquilo que é objetivamente percebido e aquilo que é subjetivamente concebido, de tal forma que é preciso supor uma área intermediária entre a percepção objetiva e a imaginação (“criatividade primária”), em que teríamos os objetos ou fenômenos transicionais. O objeto transicional representa a passagem do bebê de um estado em que está fundido com a mãe para um estado em que está em relação com ela como algo externo e separado. Winnicott (1971a/1975, p. 15) afirma que não se trata especificamente do primeiro objeto das relações de objeto, mas da “primeira possessão não-eu” e da área intermediária entre o subjetivo e aquilo que é objetivamente percebido. Mesmo que o objeto transicional represente o seio ou o objeto da primeira relação (a mãe), o que importa é que ele é uma possessão que permite ao bebê passar do controle onipotente (mágico) sobre os objetos que cria e que o satisfazem para o controle pela manipulação (envolvendo o erotismo muscular e o prazer de coordenação, por exemplo). Os objetos ou fenômenos transicionais caracterizam esse estado intermediário entre a inabilidade de um bebê e sua crescente habilidade em reconhecer e aceitar a realidade, ou seja, eles descrevem a jornada do bebê desde o puramente subjetivo até a objetividade. O objeto transicional não deve ser

confundido com o objeto interno kleiniano, pois não é um conceito mental, tampouco é uma alucinação ou um objeto externo para o bebê, ainda que os adultos o reconheçam como vindo do exterior. Trata-se, enfim, de

[...] designar a área intermediária de experiência, entre o polegar e o ursinho, entre o erotismo oral e a verdadeira relação de objeto, entre a atividade criativa primária e a projeção do que já foi introjetado, entre o desconhecimento primário de dívida e o reconhecimento desta. (Winnicott, 1971a/1975, p. 14)

Em seu *Seminário 15*, Lacan destaca a relação entre o objeto transicional – “o pequeno pedaço de pano ou de lençol, pedaço sujo ao qual a criança se aferra” – e o “primeiro objeto de gozo que não é, absolutamente, o seio da mãe, que nunca está ali permanentemente, mas aquele que está sempre ao alcance, o polegar da mão da criança” (Lacan, 1967-1968 [lição de 6 de dezembro de 1967]). O psicanalista ressalta, ainda, que a introdução do objeto transicional se dá antes do “drama do desmame que, quando o observamos, não é, de forma alguma, forçosamente um drama [...] pode ser que, no desmame, quem mais se ressinta dele seja a mãe” (Lacan, 1967-1968 [lição de 6 de dezembro de 1967]).

Desde o *Seminário 10*, Lacan situa a gênese do objeto oral na amamentação, mostrando que o seio não pertence exclusivamente à mãe, mas é um órgão amboceptor, isto é, liga-se tanto à criança quanto à mãe:

[...] do mesmo modo que a placenta forma uma unidade com a criança, há, juntos, a criança e a mama. A mama é como que aplicada, implantada na mãe. É isso que lhe permite funcionar estruturalmente no nível do *a*, que se define como algo de que a criança é separada de maneira interna à esfera de sua própria existência. (Lacan, 1962-1963/2005, p. 256)

O seio encontra-se apenas chapado na mãe (cf. Lacan, 1962-1963/2005, p. 340). Ele não é plenamente ligado ao Outro, mas é o primeiro sinal desse vínculo, já que, durante a amamentação, o seio faz parte do indivíduo alimentado. O seio está tanto do lado do que suga quanto do que é sugado: “Quando digo *amboceptor*, destaco que é tão necessário articular a relação do sujeito materno com o seio quanto a relação do lactente com o seio. O corte não se dá para os dois no mesmo lugar” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 185, grifo do autor).

Lacan (1962-1963/2005, pp. 355-357) prossegue com a observação de que a angústia do desmame se manifesta efetivamente quando o bebê está pronto para ceder o seio a que está apenso como se fosse uma parte dele. Essa atitude vem do próprio lactante: a criança não é desmamada; ela se desmama, desliga-se do seio e brinca com ele. É claro que esse objeto já foi separado do bebê inúmeras vezes antes desse momento, mas, aqui, é como se houvesse uma primeira emergência do desejo: o *desejo de separação*.

Independentemente de o desmame ser desejado pela criança ou provocado pela mãe, o que Lacan visa enfatizar é a presença de um terceiro elemento em jogo nessa relação, isto é, a manifestação de algo – a linguagem, o simbólico – que não se reduz a um sujeito ou a Outro, mas que afeta diretamente o modo como eles se relacionam. Essa ideia reaparece no *Seminário 15*, quando ele afirma que “a relação da criança e da mãe, ela sofre, de imediato, interferência por essas funções desse miúdo objeto, do qual Winnicott vai nos formular o estatuto”, desmistificando a função do objeto dito parcial (Lacan, 1967-1968 [lição de 6 de dezembro de 1967]). Na continuação de seu comentário, o psicanalista francês destaca a “função da mão a ponto de que o humano se deveria escrever o *hu-mano*, com um traço de união no meio” (Lacan, 1967-1968 [lição de 6 de dezembro de 1967]), de modo que lemos aqui uma clara referência à manipulação que Winnicott coloca como essencial ao objeto transicional. A interposição do corpo é outro elemento que não pode ser negligenciado, pois, além de ser o lugar onde se passam as sensações de prazer, é ele que impõe os limites ao controle mágico do objeto.

Pode-se inferir, assim, que ambos os autores estão interessados por uma dimensão subjetiva que se interpõe muito precocemente na relação da criança com sua mãe e que implica uma atividade complexa por parte de um sujeito ainda em constituição. Como se apropriar dessa realidade que é imposta de maneira tão impactante? Por que abrir mão do princípio de prazer em prol do princípio de realidade? Não seria o caso de servir-se das próprias mãos para construir uma apreensão da realidade que a tornasse compatível com um mínimo de prazer? Nas palavras de Winnicott:

[...] a tarefa de aceitação da realidade nunca é completada, nenhum ser humano está livre da tensão de relacionar a realidade interna e externa e o

alívio dessa tensão é proporcionado por uma área intermediária de experiência que não é contestada (artes, religião etc.). Essa área intermediária está em continuidade direta com a área do brincar da criança pequena que se “perde” no brincar. (Winnicott, 1971a/1975, p. 29)

Já para Lacan, o “período que, por ser chamado aqui transicional, nem por isso constitui um período intermediário, e sim um período permanente do desenvolvimento da criança” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 35). Em sua concepção da sublimação, Lacan (1959-1960/1997) relembra o ofício do oleiro e o trabalho de construção em torno do vazio que deve ser permanentemente realizado. Ao mencionar as artes e a religião, verificamos que Winnicott igualmente vai em direção à concepção lacaniana desse conceito, tão pouco delimitado na teoria psicanalítica desde Freud. Sem adentrarmos nessa problemática, que fugiria ao escopo deste artigo, devemos atentar para a função do brincar nas crianças, a partir da concretude dos objetos, isto é, daquilo que elas podem manipular.

Freud mesmo havia notado que *toda criança* necessita de *referentes materiais* para criar suas fantasias, de modo que elas atuam em suas brincadeiras o que os poetas têm a capacidade de fazer apenas com a sua imaginação:

A antítese de brincar não é o que é sério, mas o que é real. Apesar de toda a emoção com que a criança catexiza seu mundo de brinquedo, ela o distingue perfeitamente da realidade, e *gosta de ligar seus objetos e situações imaginados às coisas visíveis e tangíveis do mundo real*. Essa conexão é tudo o que diferencia o “brincar” infantil do “fantasiar”. (Freud, 1908/1976, pp. 149-150, grifos nossos)

Se a citação anterior nos esclarece a respeito da diferença entre o brincar e o fantasiar, a decrescente importância da concretude dos objetos para o brincar/fantasiar das crianças aparece na seguinte passagem: “a criança em crescimento, quando para de brincar, *só abdica do elo com os objetos reais*; em vez de *brincar*, ela agora *fantasia*. Constrói castelos no ar e cria o que chamamos de *devaneios*” (Freud, 1908/1976, p. 151, grifos nossos).

Na clínica com crianças em geral, o uso de objetos concretos impõe-se como condição para a circulação da cadeia significante, e a importância do brincar na

literatura psicanalítica sobre a infância nunca deixa de ser lembrada. De acordo com Lacan:

Todos os objetos dos jogos da criança são objetos transicionais. Os brinquedos, falando propriamente, a criança não precisa que lhe sejam dados, já que os cria a partir de tudo o que lhe cai nas mãos. São objetos transicionais. A propósito destes, não é preciso perguntar se são mais subjetivos ou mais objetivos – eles são de outra natureza. Mesmo que o sr. Winnicott não ultrapasse os limites chamando-os assim, nós vamos chamá-los, simplesmente, de imaginários. (Lacan, 1956-1957/1995, p. 34)

Se Lacan considera os objetos transicionais imaginários é porque eles dependem de uma certa identidade, uma imagem corporal que faz com que a criança questione se eles estão dentro ou fora dela, se são produções fantasísticas ou se existem na realidade:

A questão do objeto, para nós, analistas, é fundamental. Temos constantemente a experiência dela, é só com isso que lidamos, com que nos ocupamos. Essa questão é, essencialmente, a seguinte: qual é a fonte e a gênese do objeto ilusório? Trata-se de saber se podemos ter uma concepção suficiente desse objeto como ilusório, referindo-nos simplesmente às categorias do imaginário.

Eu lhes respondo: não, isso é impossível. (Lacan, 1957-1958/1999, p. 237)

Na teoria lacaniana, a aquisição do eu se dá na articulação do imaginário com o simbólico (a linguagem) e o real (que escapa a qualquer significação). Com seu conceito de objeto *a*, Lacan visa a esclarecer a questão do objeto na psicanálise, partindo dos três registros do funcionamento psíquico e investigando como a dimensão do real intervém nas experiências de ilusão. Afinal, simplesmente dizer que o objeto transicional não é real nem irreal, externo ou interno, imaginário ou simbólico, faz as obras de Winnicott parecerem, aos olhos de Lacan, “certamente muito hesitantes, cheias de rodeios e de confusões” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 35). Contudo, foram essas elaborações que permitiram a formulação do objeto *a* e é por isso que a articulação entre esses dois psicanalistas é tão importante: “por receber esse objeto transicional das mãos mais distantes da criança, que precisamos mesmo reconhecer aqui [Winnicott], pois foi a partir dele que formulamos inicialmente o objeto *a*” (Lacan, 1967-1968 [“Resumo do

seminário redigido por Lacan para o anuário da École pratique des Hautes Études”. Inédito]).

Acreditamos que a compreensão das “relações de objeto” nos primórdios da constituição subjetiva pode fornecer explicações preciosas sobre determinados tipos de relações objetais, em especial na clínica com crianças que se fixam em objetos comuns. Nos relatos de casos de crianças autistas, por exemplo, é comum existir um determinado objeto que se destaca na relação desse sujeito com os outros e com a própria realidade, verificando-se que a ausência do brincar parece obliterar os usos que podem ser feitos desse objeto no tratamento psicanalítico. Como fazer para que esse objeto adquira as propriedades do objeto transicional, religando o sujeito à realidade? Em que medida o conceito de objeto *a* pode nos auxiliar nessa problemática? Essas são apenas algumas das questões que podem ser formuladas a partir de uma retomada da noção de objeto na psicanálise⁶, e, para isso, a contribuição de vários autores é essencial, tal como tentamos demonstrar neste trabalho.

Referências

Freud, S. (1976). Escritores criativos e devaneio. In S. Freud, *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 16). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1908).

Freud, S. (1995). *Projeto de uma psicologia*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895).

Freud, S. (2004). Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico. In S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1911).

Klein, M. (1991). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In M. Klein, *Inveja e gratidão*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1946).

⁶ A pesquisa *O uso de objetos na direção de tratamento psicanalítico da criança autista*, desenvolvida no programa de pós-graduação em psicologia institucional da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), visa fornecer elementos para responder a essas perguntas, que certamente serão retomadas em outros trabalhos.

Klein, M. (1991). A técnica psicanalítica através do brincar: sua história e significado. In M. Klein, *Inveja e gratidão*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1955).

Lacan, J. (1967-1968). *O Seminário, livro 15: o ato psicanalítico*. Inédito.

Lacan, J. (1995). *O Seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1956-1957).

Lacan, J. (1997). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1959-1960).

Lacan, J. (1998). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In J. Lacan, *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1958).

Lacan, J. (1999). *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1957-1958).

Lacan, J. (2005). *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963).

Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (2004). *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.

Lucero, A. (2010). *Do Vazio ao objeto: das Ding e a sublimação em Jacques Lacan*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.

Lucero, A. (2015). *Relação de objeto e constituição subjetiva: considerações sobre o objeto a em Jacques Lacan*. Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.

Miller, J.-A. (1995). *A lógica na direção da cura*. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise do Campo Freudiano – Seção Minas Gerais (EBP-MG).

Porchat, P. (2005). *Freud e o teste de realidade*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

Safouan, M. (1988). *O fracasso do princípio do prazer*. Campinas: Papirus.

Winnicott, D. W. (1975). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In D. Winnicott, *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1971a).

Winnicott, D. W. (1978). Desenvolvimento emocional primitivo. In D. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Trabalho original publicado em 1958a).

Winnicott, D. W. (1983). Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos. In D. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1965b).

Winnicott, D. W. (1990). Para Jacques Lacan. In D. Winnicott, *O gesto espontâneo*. São Paulo: Martins Fontes.